

PEDRO O CRU



Cia. São Jorge
de Variedades

PEDRO° CRU

António Patrício

Roteirização dramática livre pela

Cia São Jorge de Variedades

CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

Título :: **Pedro O Cru**

Autor :: **António Patrício**

Adaptação e roteirização :: **Cia São Jorge
de Variedades**

Capa, projeto gráfico e diagramação ::
Sato do Brasil

Coordenação editorial, preparação e revisão
do texto :: **Alexandre Krug**

Edição :: **Cia São Jorge de Variedades**

NOTA EDITORIAL

PEDRO O CRU, estreado em agosto de 1998 no Teatro Laboratório da ECA/USP, foi o primeiro espetáculo da Cia São Jorge de Variedades, encenando uma versão condensada e adaptada da peça escrita em 1918 pelo poeta e dramaturgo simbolista português António Patrício: Pedro, o Cru. Drama em 4 actos, que até então nunca havia sido encenada no Brasil. A obra narra a história medieval do rei português Pedro I, apelidado de “o Justiceiro” ou “o Cruel” e sua amante Inês de Castro, uma icônica história de amor encravada em nosso imaginário, onde fatos reais se mesclam com a lenda: em 1361, após quebrar o juramento feito a seu pai e executar os matadores de sua amada Inês, Pedro exuma seu cadáver enterrado há sete anos, coroa-a rainha e obriga o povo a um pavoroso beija-mão. O texto de António Patrício enfatiza romanticamente a figura de Pedro I, transformando seus caprichos e desmedidas em belas e profundas representações de amor sublime. A premissa da montagem do grupo era mergulhar na idealização do amor, vivenciá-la e ao mesmo tempo fazer a sua crítica, manuseando com liberdade o texto original, ora comentando-o com ironia, ora encenando-o até as últimas consequências, de acordo com o ideal simbolista, com total identificação e ilusionismo. Noutros momentos, o uso de recursos épicos abria pontos de vista dentro dessa controvérsia: como nosso sentimentalismo herdado transforma essa história mórbida e política em uma linda fábula de amor? **PEDRO O CRU** trabalhava nestas contradições, no limiar entre a idealização dos poetas e a verdade crua de um cadáver esburgado.

Dentro de uma grande retrospectiva de sua obra em 2005/2006, estando sediada no Teatro Ventoforte, a Cia revisitou **PEDRO O CRU** e o remontou com elenco renovado, buscando uma intensidade ainda maior no uso de uma linguagem próxima do Simbolismo na vivência e ambientação visual da fábula, de maneira a realçar tanto mais a desconstrução feita no próprio espetáculo. Em movimento de renovação radical do material, a remontagem de **PEDRO O CRU** se pautou numa criatividade ainda maior na construção das cenas, tanto espacialmente, com itinerâncias e diferentes perspectivas de olhar, quanto nas construções dos personagens e suas ações, onde os intérpretes propuseram muito livremente a partir de suas experimentações, ideias, impulsos e intuições, num método de criação bastante coletivizado, que incorporava os anos de experiência e convivência do coletivo. Outro ponto central da remontagem foi o uso intenso da música – algo então já consolidado na estética do grupo – em que, por um lado, a execução ao vivo de vários instrumentos dava conta da pesquisa constante da Cia e, por outro, era marcante o uso de músicas gravadas (foi um dos dois únicos espetáculos do grupo que fez uso deste recurso). O repertório trazia referências icônicas de uma musicalidade romântica que iam da atualidade até séculos atrás; no caso das gravações, surgiam pela figura de um DJ, ou seja, como uma música executada ao vivo, em certo sentido. A unidade estética na seleção do repertório, e também entre o material gravado e o executado ao vivo, se dava sob a orientação do diretor musical Lincoln Antonio.

Esta edição se concentra apenas no registro do roteiro da remontagem de **PEDRO O CRU** de 2005/2006, já que é a versão não apenas mais recente, mas também a que contém mais material autoral do grupo em relação ao texto original de António Patrício. Trata-se, portanto, de uma versão mais conectada esteticamente com a formação atual do grupo, que, em sua maior parte, participou apenas dessa remontagem, não da versão original. Atenção especial foi dada à parte musical, incluindo todas as referências do material gravado utilizado e a descrição de instrumentos e ambientação sonora.

A remontagem de **“Pedro O Cru”** também possibilitou ao grupo exercitar o seu método de organização da criação. Em busca de ensaios mais prazerosos e, principalmente, que garantissem a cada artista a liberdade de experimentar sem concessões suas imagens, ideias, impulsos e intuições, estabeleceu-se como método radical (e não apenas impulso inicial) as improvisações livres, tendo apenas a fábula e suas respectivas personagens como mote, além do repertório de movimentos do Contato Improvisação. Isto permitiu que a própria equipe de direção pudesse entrar em cena – já que todos integrantes são atores – e aos poucos em discussões coletivas, assistindo ao material registrado em vídeo e na memória, a seleção conceitual e formal foi feita. Todas as funções foram resguardadas e respeitadas, mas todos criaram de acordo e sobre um material levantado e discutido à exaustão por todos.

Qualquer um que seja dependente de alguém, odeia essa pessoa. Ninguém gosta de dependência. Embora ela esteja oculta atrás da bela aparência do amor, da obediência, da crença, do respeito pelo antigo, por trás de tudo está a escravidão. Uma vez que você esteja livre da escravidão do outro, uma vez que possa viver só e alegremente você entrou no mundo pela primeira vez. Antes disso, estava apenas sonhando.

Osho

“Relacionamento, Amor e Liberdade”

Tradução de Ma Prem Visarjana

ATO I

CENA 1 :: A FOLGANÇA

(O público está na entrada do teatro, aguardando o começo. De repente uma turba festiva irrompe no lugar. Trazem lamparinas, candeeiros etc. iluminando o caminho. Dançam e cantam com muito vigor, embora estejam cansados. Estão festejando há muito tempo, ininterruptamente. El-Rei Dom Pedro, com seu acordeom, e Martim, seu bobo, vem regendo a festa.)

AL'ENTRADA DEL TEMPS CLAR

(Composição trovadoresca anônima em provençal, séc. XII. “Na chegada do tempo claro/Para a alegria recommençar/E para os ciumentos irritar/Quer a rainha mostrar/Que ela é sim amorosa/Fora daqui, fora daqui, ciumentos/Deixem-nos, deixem-nos/Dançar entre nós, entre nós”.)

PEDRO e o POVO

*A l'entrada del temps clar, eya
Per jòia recommençar, eya
E per jelòs irritar, eya
Vòl la regina mostrar
Qu'el'es si amorosa
A la vi', a la via, jelòs,
Laissatz nos, laissatz nos
Balar entre nos, entre nos.*

(Cessa a música. O povo quer fazer pedidos ao Rei, cada um suplica para ser ouvido, mas ele retira-se junto com Martim, que fecha os portões e não deixa ninguém entrar. Amontoadado em frente aos portões, o povo agora descansa, come e conversa entre si.)

VELHA

O que estará acontecendo ao nosso Rei?...

HOMEM

Há já três noites que não dorme!

VELHA

Baila, baila e com ele nós tudo!

HOMEM 2

Não são tempos normais os que virão...

VELHO

Já faz sete anos que mataram Dona Inês de Castro e El Rei não consegue esquecê-la!

VELHA

Vocês ouviram o que andam dizendo por aí? (Murmúrios.) Vocês acreditam?

HOMEM

Pra mim não tarda é o dia da vingança...

VELHO

Que vingança?

HOMEM

Ué, dizem por aí que os matadores da Dona Inês, Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves, já foram presos! Já estão a caminho!

VÁRIOS

Mentira! / É mentira!

VELHA

El-Rei jurou quando infante que perdoaria os assassinos de dona Inês! Ele jurou ao seu pai, Dom Afonso!

MULHER BÊBADA

(Rindo.) El-Rei jurou em falso!

HOMEM

Jurou em falso!

MULHER BÊBADA

Ele é perjuro!

TODOS

Discutem, brigam.) Ele jurou! Jurou ao seu pai! / Que nada, ele é perjuro! / Ele não vai fazer isso!! / Vai sim!! / Nunca! Ele jurou a Dom Afonso! (Etc.)

HOMEM

Vocês não lembram do bispo? O bispo que El-Rei mandou se desvestir e açoitar, porque dormiu com uma mulher casada? Então, quem faz isso com grandes e pequenos, vai perdoar os matadores daquela que ele mais amou?!? Inês de Castro!

(Os portões se abrem novamente. El-Rei Dom Pedro surge com seu cetro. A multidão implora para lhe falar e fazer pedidos. O DJ coloca música de festa. El-Rei sinaliza que todos entrem. Correria, todos querem ser ouvidos. Martim, o Bobo acompanha a multidão, fazendo traquinagens, batendo nos súditos com seu bastão etc. El-Rei dança e se diverte em torno da multidão, regendo e ameaçando com seu cetro.)

GASOLINA (Composição de Daddy Yankee e Eddie Dee, 2004, trecho.)

MÚSICA

*Zúmbale mambo pa' que mis gatas prendan lo' motore'
Que se preparen que lo que viene es pa' que le den (duro)*

Mamita, yo sé que tú no te me vas a quitar (duro)

Lo que me gusta es que tú te dejas llevar (duro)

To' los weekenes ella sale a vacilar (duro)

Mi gata no para 'e janguear porque

A ella le gusta la gasolina

(Dame más gasolina!)

Cómo le encanta la gasolina

(Dame más gasolina!)

A ella le gusta la gasolina

(Dame más gasolina!)

Cómo le encanta la gasolina

(Dame más gasolina!)

(O público se acomodou. A multidão de súditos, já extenuada, quer ter sua audiência com El-Rei, fazer pedidos, mas Martim, o Bobo puxa mais uma música frenética, regendo com seu bastão e obrigando os súditos a bailar até o limite das forças.)

ÁGUA MINERAL (Composição de Carlinhos Brown, 1996.)

MÚSICA

Bebeu água? Não!

Tá com sede? Tô!

Olha, olha, olha, olha a água mineral

Água mineral, água mineral

Água mineral do Candeal

Você vai ficar legal

(A música termina. Os súditos caem no chão, mortos de cansaço. Pausa. El-Rei se enfurece com a interrupção.)

PEDRO

Qual é, DJ?!?

(Outra música começa. El-Rei olha a multidão de pedintes e sai andando, absorto em seus sentimentos. Os súditos rastejam atrás dele, suplicando. Martim, o Bobo escarnece da multidão, mostra-lhes a bunda etc.)

ÚLTIMO DIA (Composição de Billy Brandão e Paulinho Moska, 1995, trecho)

MÚSICA

Meu amor

O que você faria se só te restasse esse dia?

Se o mundo fosse acabar

Me diz o que você faria

la manter sua agenda

De almoço, hora, apatia

Ou esperar os seus amigos

Na sua sala vazia

Meu amor

O que você faria se só te restasse esse dia?

Se o mundo fosse acabar

Me diz o que você faria

Corria pra um shopping center

Ou para uma academia

Pra se esquecer que não dá tempo

Pro tempo que já se perdia

Meu amor

CENA 2 :: QUEM QUER JUSTIÇA?

(Um grito de Pedro interrompe a música. Ele e Martim subiram a um balcão e de lá Pedro fala aos súditos.)

PEDRO

Aaaaahhhhh! Quem quer justiça?

SÚDITOS

Eu! / Eu quero! / Aqui, senhor! / Por favor! (Etc.)

(Pedro aponta com o cetro para uma Mulher com as mãos cobertas de ataduras.)

PEDRO

Tu! Fala!

MULHER

Aah-ahn-nan-ahhnn!

(Ela não consegue articular as palavras. Volta a algazarra dos súditos: “Eu! Aqui!” Etc.)

PEDRO

(Aponta para a Velha.) Tu, Velha! Anda! Conta ao que vieste!

VELHA

Eu quero a cabeça de Antônio, o Cantador, senhor! Ele enfeitiçou a minha menina, a minha menininha, com trovas de amor! Eu criava cabras. Vivia no monte apenas com a minha filha. Passávamos por lá o ano todo. Vivíamos com Deus... muito felizes. Só três vezes descíamos à aldeia... no Natal... na Páscoa... e na festa da Aparecida, que é em agosto... E foi lá que Antônio, o Cantador, viu minha filha. Cantava no adro da igreja loas à Senhora, mas cantava-as com os olhos postos nela... Foi assim que a perdeu... foi assim que a enfeitiçou!... De mês a mês, por fim a cada semana, Antônio, o Cantador, subia ao monte. Ao ouvir-lhe as trovas, ela vinha aos atalhos ter com ele. E o que tinha de suceder, lá sucedeu... Um entardecer, ao entrar, não achei ninguém. Ele viera por ela. Fiquei só. Passei aquele inverno todo ralada de saudade. Mas foi no verão, por Deus, foi no povoado, que eu vi bem a desgraça cara a cara...

PEDRO

Continua, velha!

VELHA

Antônio, o Cantador, cantava trovas a outra! Já a esquecera. E a minha menininha, sozinha no mundo, entregava-se aos vagabundos nos caminhos...

PEDRO

Onde é a tua aldeia?

VELHA

É na Mortágua, meu senhor, mas ouvi-me ainda! Um gafo, que fugiu da gafaria, roçou-a e apegou-lhe o mal...

SÚDITOS

Justiça, meu senhor! / Justiça!! (Etc.)

VELHA

A minha menininha agora é uma chaga!... Não tem dedos dos pés...Caminha em cotos. E era a benção de Deus feita mulher!... Mete medo a mim, que a trouxe ao colo... Voltou assim à aldeia e apedrejaram-na. E quando eu a reconheci, foi pela voz, entre os malvados, a atirar-lhe pedras, lá estava ele, o Cantador maldito! A rir-se... de mim e dela... E com uma voz de cortar o coração, ela chamava-o ainda pelo nome... Eu quero a cabeça! A cabeça de Antônio, o Cantador, senhor!!

SÚDITOS

Justiça, meu senhor!! (Etc.)

PEDRO

Foi com trovas que enfeitiçou a tua filha? Descansa. Hemos de cortar-lhe a língua rente... a ver como ele grunhe, o Cantador!... Seremos ambos nós os seus carrascos!

SÚDITOS

(Em júbilo.) El-Rei é pai!! / É justiceiro! / Justiça! (Etc.)

PEDRO

Quem mais quer justiça?

SÚDITOS

Eu! / Aqui, senhor!! / Aqui!!

DJ

(Ao microfone.) Majestade, eu quero justiça. (Todos se calam, surpresos.) Eu exijo a cabeça de um tirano português. Que traiu seu povo em troca de uma prostituta castelhana.

(Todos atônitos, inclusive Pedro. Martim, o Bobo o olha e sai de fininho. Blecaute.)

CENA 2 :: AFONSO E PEDRO / NINGUÉM NA TERRA OUSOU

(Pedro anda em círculos, tocando seu acordeom. Após andar várias vezes cai no chão. Afonso Madeira, seu Conselheiro, o ampara. Pedro ainda toca uma melodia no acordeom, mesmo prostrado.)

AFONSO

E se dormísseis um pouco, meu senhor?

PEDRO

Quero antes ouvir-te. Vá, trova outra vez, a mesma!

(Afonso afasta-se. Pedro, secundado por outros instrumentos em off, toca a mesma melodia de antes. Surge no alto a imagem de Inês, tocando também um acordeom. Ela canta, acompanhada de um coro em off.)

SOU TEU, TU ÉS MINHA

INÊS e CORO

Sou teu, tu és minha

Quem morre não parte

Nem Deus nem a Morte

Puderam levar-te

(A imagem de Inês se desfaz. Afonso retorna.)

PEDRO

Nem a Morte... Dizes bem, Afonso. Nem a Morte... Vou dizer-te um segredo para te mostrar uma vez mais, como te quero. Tu sabes porque não durmo há já seis noites, saio a bailar mais triste que a tristeza, e não deixo dormir meus falcoeiros para correr montes em batidas doidas? Tu conheces-me, Afonso. Sabes que é bem outra a minha caça, há muitos anos já...

AFONSO

(Recolhe e guarda o acordeom.) E então, meu senhor, há boas novas?

PEDRO

Eles são meus! Afonso, eles são meus!! (Rindo às gargalhadas.) Firmei pela calada, com El-Rei de Castela, a avença que tu bem sabes. Um escambo só, e já são meus! Dei sentença de traição contra eles, como réus contra mim e o meu Estado. (Silêncio.) Tu calas-te!... Fala! Fala que eu sei muito bem o que tu pensas.

AFONSO

Eu tenho medo. Medo que não me perdoeis, senhor.

PEDRO

Fala confiadamente.

AFONSO

Meu senhor! Quando infante, não jurastes a El-Rei, vosso pai, perdoar os matadores de Dona Inês?... E agora, depois de juramentos e promessas, não cumpris... Meu senhor, sofro em vos dizer: sois perjuro!

PEDRO

Perjuro!...Conheces tu, Afonso a minha fé... Como podes dizer então que perjurei?... Eu vivo pro Amor e pra Justiça. O teu rei... que por amor à Justiça, é até carrasco; o teu rei, monteiro e bailador... quando o vês assim... Ouve: ouve bem e cala o que te digo... Portugal é uma província apenas...

(Soam ecos de um som extático e distante enquanto Pedro fala de seu reino.) O meu reino é maior do que tu pensas. O meu reino de segredo, sem fronteiras, abrange a Morte, a sua natureza de mistério... Há sete, há já sete anos... Desde que a minha Inês foi para lá que o nosso amor tem duas asas... Uma é a alma dela...a outra é a minha...

AFONSO

Meu senhor... Dizei que perdoais... que me perdoais.

PEDRO

Tu não tens culpa. Tu não sabias, Afonso. Mas agora compreendes...Tens as mãos nos ombros do teu rei... Nenhum homem o teve igual. Não crês?

AFONSO

Ninguém amou com um amor tão alto, meu senhor!

PEDRO

Ninguém!

AFONSO

Meu senhor. Faláveis há pouco num segredo...

PEDRO

Que o não será por muito tempo. Depois do que te disse, podes senti-lo até a raiz, metê-lo na alma. Daqui a horas a justiça será feita. Então, três dias eu viverei com meu amor. Depois de os justicar, eu bato à cova dela e chamo: (Um som longínquo e inquietante toma o ambiente.) Inês!... Inês!...

AFONSO

Meu senhor, que dizeis!?!

PEDRO

É num convento em Santa Clara, aqui pertinho! É por lá que se vai para o outro reino...

AFONSO

Meu senhor...

PEDRO

Depois, a coroação!

AFONSO

De quem, meu senhor?!?

PEDRO

De Dona Inês! Da tua Rainha!

AFONSO

Meu senhor!! Ides violar a morte?!?

PEDRO

É uma ressurreição, Afonso, é quase!

AFONSO

E sem temor?

PEDRO

Sem temor! Eu vou com meu amor como com Deus!

AFONSO

Mas nenhum homem, nenhum rei, ninguém na terra ousou!...

PEDRO

Ninguém na terra... amou como eu!! (Examina o céu.) As estrelas têm frio... estão roxas de frio.

AFONSO

Deve ser quase madrugada, senhor.

PEDRO

Olha a lua!

(Surge a imagem da Lua. Um acordeom toca. Pedro canta, secundado por um coro. Surge novamente a imagem de Inês, tocando e cantando.)

AY, LUNA QUE RELUCES

(Canção renascentista espanhola do séc. XVI, do “Cancioneiro de Uppsala”, autor anônimo, trecho)

PEDRO, INÊS e CORO

Ay, luna que reluces

Toda la noche m'alumbres!

Ay, luna tan bella

alúmbresme a la sierra!

PEDRO

Vão as nuvens cobri-la, viste-a?

AFONSO

Eu vi, meu senhor.

PEDRO

E entendeste o signo, entendeste? Eles estão já perto. Eu posso sentir! Eu sinto o coração da terra bater junto com o meu!

AFONSO

(Observando a distância.) Sim, meu senhor! Tendes razão! São dois cavaleiros que dobram agora a curva da estrada! Que ordenais?

PEDRO

Chama os guardas! Não! Vai tu mesmo e trá-los bem depressa ao pé de mim. Que ninguém os sinta!

CENA 3 :: PÊRO COELHO / TIVESSE ELA MIL VIDAS

(Soam trombetas e tambores em ritmo de chegada, como algo que se aproxima, cada vez mais acelerado. Dois vultos vêm se aproximando. A música cessa. Os vultos são empurrados por uma mão invisível, que os joga para um espaço de luz. Dois homens em roupas nobres, Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves. Trazem marcas de espancamento nos rostos. Apoiam um ao outro, procurando mostrar dignidade. Afonso se aproxima e os encara. Soa um acordeom. Os dois homens se voltam para ver quem toca. Vê-se à distância que é El-Rei Dom Pedro, que chega. Os dois saúdam El-Rei, curvando-se como súditos.)

PEDRO

(Rindo-se, ainda de longe.) Bem-vindos!... Sois bem-vindos! (Tira o acordeom. Afonso recolhe-o e sai. Pedro vem se aproximando dos dois.) Dizei: achais-me estranho... um pouco?... Pensáveis: vai cair sobre nós como um falcão! E aqui me tendes, todo cortesia... Enganaste-vos: sois bem-vindos... Estais ao menos de bem comigo, espero?...

PÊRO COELHO

Melhor, senhor. Estamos de bem conosco.

PEDRO

Tu falas pelos dois, Pêro Coelho!?... E tu, Álvaro Gonçalves? Pensas também assim?

ÁLVARO GONÇALVES

Sim, meu senhor. Como ele em tudo.

(Pedro empurra rudemente Álvaro Gonçalves, que se afasta, deixando Pêro Coelho sozinho no centro.)

PEDRO

Basta-me pois falar a um de vós: fico logo sabendo o que o outro pensa. Bem... Conversemos... São negócios de Estado que tratamos. Afinal, não sois dois assassinos... Éreis os conselheiros de meu pai... os amigos fiéis de El-Rei meu pai...

PÊRO COELHO

Sim, meu senhor. O mesmo a quem um dia jurastes perdoar-nos...

PEDRO

Perdoar? (Rindo.) Sou eu que vos defendo de vós mesmos. Sois dois grandes... dois nobres portugueses. Contai-me, pois, Pêro Coelho, como viestes, por amor ao reino de Portugal... Sim, porque foi para salvar o reino da ameaça de Castela, não foi?...

PÊRO COELHO

Assim acreditamos então, e ainda o cremos hoje.

PEDRO

Conta pois. Eu vou ouvir-te com devoção, com beatitude. Como ouviria os rouxinóis de Coimbra... A trama, já se vê, foi de meu pai...

PÊRO COELHO

Ele pensara-a, mas jamais se atreveu a dar corpo ao pensamento. Afinal, era vosso pai.

PEDRO

Pai magnânimo!...

PÊRO COELHO

Mais do que isso, meu senhor. Um grande rei. Um rei que...

PEDRO

Não é a crônica dele que eu te peço! Dizias então que ele pensara...

PÊRO COELHO

...Mas que lutou consigo mesmo por muito tempo.

PEDRO

Foi só depois de vos ouvir...

PÊRO COELHO

Por muitas vezes, meu senhor, por muitas.

PEDRO

Até que veio o instante...

PÊRO COELHO

Até que veio o instante em que o amor ao reino em perigo foi maior que o amor que ele vos tinha.

PEDRO

(Rindo.) Ah! O amor que ele me tinha!... E tudo era muito bem cogitado, muito bem pensado. Eu punha o reino a perder...

PÊRO COELHO

Não, meu senhor, mas Dona Inês é morta. Isso vos permitiu serdes bom rei.

PEDRO

Enterrou-se com ela o meu desvario. É um cadáver que me escora o trono.

PÊRO COELHO

Pois amai-a mais ainda, meu senhor. Vós tendes as saudades, e o reino, a vida. Isso agora é convosco e com Deus. Não é mais comigo.

PEDRO

Não sou ingrato, Pêro Coelho. Tu verás... Mas vejo que estás cansado. Tende um pouco mais de paciência ainda. Eu prometo - palavra do teu rei - muito tempo ainda de descanso. Conta.

PÊRO COELHO

O que eu vos poderia dizer, vós já muito bem o sabeis.

PEDRO

Conta, pois.

PÊRO COELHO

Pois que assim seja. Sois vós que o ordenais.

(Pedro senta-se a um lado para ouvir. Segura seu cetro. Pêro Coelho de pé, de frente para o público, começa a contar)

(Tudo se decidiu no mesmo instante em que El-Rei vosso pai teve por certo que à vossa roda os Castro conspiravam. Era junto de vós, na vossa sombra, numa segunda corte de estrangeiros, que lhe vivia a adular-vos, a trair-vos...)

PEDRO

Ah, criança tola que eu fui sempre...

PÊRO COELHO

(Sorrindo, amargo.) O amor tem luz demais para poder ver. Vós não podíeis ver. Nem mesmo agora vedes. Urgia conjurar aquele perigo. Vosso pai desesperava, não sabia o que fazer... Pois tudo fora tentado, e tudo em vão! Uma tentativa de expulsão, frustrada! E a clausura do convento em Santa Clara... vós sabeis o que foi, meu senhor...

PEDRO

Sei exatamente o que foi, continua!

PÊRO COELHO

Foi quando nos olhamos, El-Rei vosso pai e eu. (Um surdo distante começa a marcar lentamente o relato. Aos poucos outros sons, tambores, vozes vão entrando.)

Sem falar uma palavra. E como a pedra cai no fundo de um poço, a decisão suprema entrou em nós! Era outono, como agora. Nós sabíamos que iríeis montar e partimos. A noite cerrada. El-Rei vosso pai, eu juro, fazia dó. Tinha medo até das sombras, do vento... tropeçava na sua espada. Ele, que nas batalhas contra os mouros era de ferro, soluçava, por duas ou três vezes quis voltar, meu senhor! Era apenas o dever, o seu dever de rei, que o levava a rastos pela noite... Assim caminhamos muito tempo, sem palavras. Nunca vi tanta paz por aqueles campos... Até que chegamos ali, aos vossos paços, e nos escondemos no pomar. Passaram-se horas... não sei quantas. Horas de silêncio... mas por fim, vossos cães latiram. Éreis vós, meu senhor, que íeis montar... Depois ela... Desceu, foi até vós, beijou-vos: não sei o que vos disse... mas ouvi risos... Ah! O vosso rir na inocência, meu senhor! E o sol... surgindo... refletia agora na minha espada... Por fim partistes. Ela acompanhou-vos com o olhar, acenou-vos um adeus de lento, e por um gesto triste que então teve, compreendi que deixava de vos ver... Chamei por vosso pai e lhe disse: é a hora, meu senhor! Ele hesitava, mas demos a volta ao muro do pomar, e eu empurrei o portão – o mesmo, que vós havíeis deixado entreaberto... Entramos... e ela voltou-se: decerto ouvira os passos... e ao ver-nos, meu senhor, toda a face lhe embranqueceu! De tal maneira, que para que eu não quedasse ali, de piedade, tive que lembrar-me de que amava esta terra... Eu amava a minha terra!!! Como ela vos amava... ou vós a ela... Vi que ela queria gritar, mas não pôde. Subimos as escadas e ela abalou para a alcova dos filhos. Estacamos ali, por um instante... e então... ela voltou... ela voltou, meu senhor, e eu vos garanto... fiquei paralisado... de assombro... Nunca vi nada assim, ninguém tão branco... (Uma luz branca o ilumina frontalmente.) Branca... branca... como o espectro de uma rosa branca, um rosto de morta na memória. Ela cravava em vosso pai os olhos!... Ele tapava os dele, para não ver os dela, nem os netos. Foi aí que El-Rei já não pôde suportar e recuou, derrotado, trôpego, como se tivera cem anos... Desnudei a minha espada e avancei para ela. Nem fugiu. Estava sem alma já. Quiçá convosco...

(Ajoelha-se, exausto do relato.) Depois... não sei... fez-se uma névoa em mim. Lembro-me que a vi caída no chão, ensanguentada... (De súbito lhe ocorre a pior das lembranças. Chora.) Ah... sim... senti uma dor na mão que levava a espada. Era o infante Dom Dinis, vosso filho! Ele mordera minha mão. Pobre infante! Lembrei-me dos meus filhos. Tive vontade de chorar e de beijá-lo! (Recompõe-se e se ergue.) Mas tivesse ela mil vidas, que por amor deste ar e desta terra, eu as tiraria! Ah, sim!! Eu haveria de tirá-las uma a uma!!!

(Pedro em fúria joga o cetro e quer atirar-se sobre Pêro Coelho. Afonso o impede. Os tambores estão no auge. Um corredor de luz vermelha se acende. Pedro, ladeado por Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves, entra no corredor. Caminham por ele de costas para o público em direção ao fundo, até o meio do corredor. Os tambores cessam. Pêro Coelho volta-se e grita de longe.)

PÊRO COELHO

É o coração que queres?? Procura-o bem! É um coração forte como um touro e leal como um cavalo!!!

(Vira-se de costas para a plateia novamente. Blecaute. Ouve-se a introdução do “Hino ao Amor”. Ao fim da introdução, a luz do corredor se acende novamente, e Martim, o Bobo está no lugar de El-Rei entre os dois homens. Tem na cabeça uma coroa. Vira-se para a plateia e vem correndo na sua direção, gargalhando e carregando vários sapatos, além de trazer pendurada no torso uma fieira com muitos outros pares. Vem berrando enquanto a música é cantada.)

MARTIM

(Gargalhando.) É tudo meu!!! É tudo meu!!!

HINO AO AMOR

(Composição de Edith Piaf e Marguerite Monnot, 1950; versão em português de Odair Marzano, 1959, trecho)

MÚSICA

*Se o azul do céu escurecer
E a alegria na terra fenecer
Não importa, querido
Viverei do nosso amor*

(Martim volta correndo, até ficar novamente entre os dois homens e os chuta para os lados, para fora do corredor vermelho. Martim, sozinho no corredor, sai correndo em direção ao fundo. Blecaute. Foco sobre o lugar do DJ.)

AFONSO

(Narra com o microfone do DJ.) Pêro Coelho foi executado. Tristão, o carrasco partia-lhe as costelas uma a uma, só se ouvia um som assim... como quando alguém quebra galhos secos. Depois de esfaqueá-lo, meteu-lhe a mão no peito e Pêro Coelho ainda gritou: “É o coração que queres? Procura-o bem, que é um coração forte como um touro e leal como um cavalo.” E todos viram, mudos como pedras, o coração jorrando sangue. O carrasco ofereceu o coração a El-Rei, que por duas vezes o mordeu. Já Álvaro Gonçalves foi executado como um morto. Puseram então os corpos sobre a lenha, e enquanto queimavam, El-Rei sorria às labaredas. Algum tempo depois era já outro: tinha um olhar que trespassava a gente e ia muito longe, um ar de mistério quase humilde e podia-se jurar que tudo tinha esquecido.

(Blecaute. Volta o “Hino ao Amor”, em sua a continuação. Ao mesmo tempo, três freiras com hábitos brancos e crucifixos no peito vão entrando no escuro, carregando velas.)

MÚSICA

*Se o destino, então, nos separar
Se distante a morte te encontrar
Não importa, querido
Porque eu morrerei também*

*Quando, enfim, a vida terminar
E dos sonhos nada mais restar
Num milagre supremo
Deus fará no céu te encontrar*

ATO II

CENA 1 :: CONVENTO DE SANTA CLARA / OVELHAS E CABRITOS

(As freiras espalharam-se pelo espaço no escuro, sentadas no chão com suas velas. Ao final do “Hino ao Amor”, cantam, secundando um coro em off. Durante a música, elas se deitam no chão junto às suas velas, como se dormissem.)

DEUS LHE DÊ A BOA NOITE

(Canto tradicional de encomendação de almas, Cantadeiras do Souza, Vale do Jequitinhonha, MG.)

FREIRAS E CORO

*Deus lhe dê a boa noite
Filho da Virgem Maria
Olha lá que Deus não dorme
Como vós quereis dormir*

(Uma das freiras desperta e se senta. Chama as outras, que ainda dormem.)

IRMÃ AURORA

Irmã Linda!... Irmã Pura!... (Elas não acordam.) Irmã Pura!... Irmã Linda!!!! Ai meu Deus, meu Deus!... (As outras despertam e acodem a ela.)

IRMÃ PURA

Irmã, o que foi?!

IRMÃ LINDA

Acalma-te!!

IRMÃ AURORA

Pensamentos estranhos ocorreram-me... pensamentos das trevas!

IRMÃ PURA

Levanta-te, irmã!
(As três se erguem. Iluminam com suas velas em direção à plateia.)

IRMÃ AURORA

Acho que foi a proximidade com as lápides das nossas companheiras...
Recordava-me delas...

(Caminham pelo espaço até um ponto, onde surge uma lápide recortada pela luz.) A Irmã Rosário... (Caminham pelo espaço até outro ponto, nova lápide. Olham para ela.) A Irmã Celeste... (Olham adiante para outro ponto. Vão até lá.) A Irmã Branca, ai meu Deus...

IRMÃ LINDA

Ai, que saudades da Irmã Branca!! Lembras como ela amava o sol?

IRMÃ AURORA

Amava o sol... e agora está enterrada a sete palmos debaixo da terra, sozinha, há muito tempo já, no escuro... meu Deus do céu... Irmã Branca... (Vai abaixando-se até a lápide, quer beijá-la, as outras a impedem, erguendo-a.)

IRMÃ LINDA

Irmã, acalma-te! O que está enterrado a sete palmos debaixo da terra é apenas o corpo da Irmã Branca! Sua alma não! Sua alma está bailando no céu, ao lado de Jesus Cristo e todos os arcanjos.

IRMÃ AURORA

Eu quero crer, eu quero! Eu tenho orado tanto pra compreender esses mistérios insondáveis! Eu tenho me agarrado à Bíblia nestes momentos de aflição!

(Iluminadas agora apenas por suas velas.)

IRMÃ PURA

Pois então, irmã! lembra te da passagem da Bíblia onde se narra o Juízo Final? O que diz mesmo a passagem a passagem, Irmã Linda?

IRMÃ LINDA

A passagem do Juízo Final?...

IRMÃ PURA

Sim!

IRMÃ LINDA

(Puxando da memória.) Ahm... “Agora...” Não... “E então...” Sim: “E então o Filho do Homem, na Sua majestade, se sentará sobre o trono e todas as gente serão congregadas diante d’Ele e separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos.” Nós não somos os cabritos, não é, Irmã?

IRMÃ PURA

É claro que não. Somos ovelhas!

IRMÃ LINDA

Nós somos as ovelhas, nós somos os justos! Iremos para a vida eterna, ao contrário dos cabritos, que irão para o suplício eterno!

IRMÃ AURORA

(Que se afastara das outras, de longe.) Eu preciso me confessar!

IRMÃ PURA

Confessa-te, Irmã.

IRMÃ AURORA

Esta passagem bíblica... não tem sido mais suficiente para mim!... Eu não me sinto um cabrito, não me sinto a ovelha, eu não sei o que me sinto...

(As outras duas vão até ela.)

IRMÃ PURA

Irmã Aurora! Essa passagem bíblica é apenas uma metáfora!

IRMÃ AURORA

Eu compreendo. Mas a pergunta persiste! A pergunta permanece! Concretamente: onde é a vida eterna?

(As três ficam em silêncio, olhando o nada. Irmã Clara chora baixinho e murmura lamentos. As outras duas entreolham-se e a acodem de lado a lado.)

IRMÃ LINDA

Deus! Deus nos fez seres humanos, com conhecimento, com razão, com fé! Contempla teu corpo, Irmã. Contempla-o! Vês? Um punhado de pó. Mas vê quão perfeito ele se tornou. Quando tiveres terminado de vez sua jornada cá na terra, certamente sua nova morada hão de ser os Céus!

(Aurora vai até o público e contempla-o de perto, iluminada por sua vela.)

IRMÃ AURORA

São lindas essas palavras Irmã, mas elas não iluminam as minhas dúvidas e questionamentos. Na hora da minha morte... na hora da minha morte, onde... estará Jesus Cristo?

IRMÃ PURA

Irmã Aurora! Estás passando dos limites! Isso é pergunta que se faça, Irmã? A blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada!

IRMÃ LINDA

Irmã, agarra-te à Bíblia: “Quem não é comigo, é contra mim.” “Quem não junta comigo, desperdiça.” Irmã, por Deus, não quero chegar no dia do Juízo Final e vê-la distante de nós, junto aos cabritos! (Choraminga.) És uma ovelha!

IRMÃ AURORA

Às vezes eu me sinto uma ovelha, e às vezes eu me sinto um cabrito!. Eu tenho tentado... Deus sabe como eu tenho tentado... eu tento, eu tento, eu tento... (Choraminga.) Eu... eu tenho lido livros proibidos!...

(Ouve-se a voz da Abadessa no escuro.)

ABADESSA

Que a paz do Senhor esteja convosco! (As três freiras se assustam e correm de um lado para outro: “Madre Abadessa!” Quando a Abadessa fala novamente, elas congelam.) “Aquele que habita o esconderijo do Altíssimo à sombra do Senhor onipotente descansará.” (A Madre vem chegando, com sua vela. As freiras então ajoelham-se em reverência.) “Direis do Senhor: ele é o meu Deus, o meu refúgio e a minha fortaleza e nele, somente nele, confiaremos.” (Mostra um papel.) Acabamos de receber uma carta do Senhor Bispo. Informando que vem El-Rei com toda a Corte para desenterrar a morta. (Deixa a carta cair ao chão. As freiras avançam para ela, a Abadessa impede com um gesto.). Shiiuuu!! Não dormem há dias! Vão levá-la de Coimbra para Alcobaça.

IRMÃ PURA

Levar quem, Madre?

ABADESSA

Inês de Castro.

(As freiras lançam-se sobre a carta e leem.)

IRMÃ PURA

“Assim decidiu El-Rei após a execução de... Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves.”...

ABADESSA

Vem com as mãos sujas de sangue!

IRMÃ AURORA

Mas ele jurou que não se vingaria, Madre...

IRMÃ LINDA

Isso é perjúrio!

IRMÃ AURORA

Ele é perjuro, Madre!

ABADESSA

Shiiuuu! El-Rei é bom rei. Só não é esse o momento de julgá-lo. Erguei-vos, ide acender todas as lâmpadas. Anoitece muito cedo neste claustro e o nosso triste rei não tarda. Ide!

IRMÃ LINDA

(Fica enquanto as outras saem.) Madre! E se nós rezássemos um pouco? Estou morrendo de medo.

ABADESSA

Compadeço de vosso temor, Irmã, mas acalmi-vos. El-Rei sabe o que faz.

IRMÃ LINDA

Mas Madre, ele vem desenterrar uma morta!

ABADESSA

Calai!!

(Tambores pesados como batidas no portão. As freiras anunciam à distância.)

IRMÃ AURORA

É ele!

IRMÃ PURA

É El-Rei, Madre!

ABADESSA

Não pode ser! É muito cedo ainda.

IRMÃ AURORA

É El-Rei que vem!

IRMÃ PURA

Ele e toda a corte!

IRMÃ AURORA

Que devemos fazer?

IRMÃ LINDA

Madre, e se nos trancássemos nas nossas celas?

ABADESSA

Vinde todas aqui ao pé de mim para receber El-Rei e o senhor Bispo. (Elas obedecem.) Nem sei se devo abrir. É contra a regra, quase sacrilégio. Mas, se são ordens de El-Rei... eu penso que devo obediência ao Senhor Bispo. Culpa, se culpa houver, não será nossa!

(Tambores pesados como batidas no portão.)

AFONSO

Abram em nome de El-Rei!!

ABADESSA

Podeis entrar! Vossa Madre Abadessa consente!

CENA 2 :: O DESENTERRAR DE INÊS DE CASTRO / AMADA AMANTE

(O portão se abre, deixando entrar um fecho de luz e formando um corredor azulado. El-Rei vem à frente arrastando ruidosamente uma pá, seguido por Afonso e um séquito, incluindo Martim, o Bobo. Avançam até próximo das religiosas, que se inclinam em reverência.)

PEDRO

Erguei-vos, madre. Não sou eu que venho vos perturbar... é a saudade que me traz. É ela só. Onde está aquela que será vossa rainha? (Silêncio. A Madre não responde. Pedro num impulso avança para ela, contido por Afonso.) Dizei onde é que dorme o meu amor!! (A Abadessa não se intimida e o olha firme. Após um instante, indica um ponto ao fundo com um gesto.)

ABADESSA

Ali, meu senhor. Sob a paz de Deus. (Pedro vai até ali. Uma lápide de luz se desenha no chão.)

PEDRO

Esta pedra para mim é transparente. O meu amor atravessa-a como o vento. (Pedro posiciona-se para começar a cavar. A pá paira sobre a lápide.)

DJ

Começa agora o desenterrar de Inês de Castro.

PEDRO

Afonso!

AFONSO

Sim, meu senhor?

PEDRO

Onde está o coveiro?

AFONSO

Aqui, meu senhor, veio conosco.

(O Coveiro, as religiosas, Afonso e Martim formam um grupo à beira da cova, tapando-a para o público. Vê-se o vulto de Pedro trabalhando sob a luz. Ouvem-se os ruídos descritos na narração.)

DJ

Pedro desenha no ar o retângulo da laje, em seguida finca a foice numa fenda e, pouco a pouco, com vagar, com método, vai-a levantando lado a lado. Por fim, passa a foice na argola ao centro da laje, contractura o torso brutalmente e ela resvala com um som frio. Imediatamente, Pedro afasta o coveiro, pega a pá e começa ele mesmo a cavar. Tira a primeira pá de terra com cautela e pergunta ao coveiro:

PEDRO

Costumam estar muito ao fundo?

COVEIRO

Três pés, meu senhor. Às vezes mais.

(Pedro volta a cavar).

DJ

Pedro continua a tirar terra alguns segundos. Depois pousa a pá, ajoelha e, todo debruçado sobre a cova, enterra as mãos e cava. Cava avidamente até que encontra o caixão.

PEDRO

Achei, és tu, é o teu caixão!

(Começam a ouvir-se sons de lamentos fantasmagóricos.)

DJ

Pedro volta a cavar, agora em volta do caixão. Para, extenuado. Pousa a pá, levanta-se. Cai-lhe terra das vestes. Seu rosto tem uma lividez terrosa e seus olhos estão sem foco. Pedro entra na cova, enterra os braços na terra e, devagar, levanta o caixão verticalmente. Quando o tem bem ao alto, as tábuas, podres, abrem-se –

(Som de tábuas caindo, o grupo à beira da cova se desfaz, cessam os lamentos. De pronto estão apenas Pedro, sentado dentro da cova, e o cadáver de Inês, de pé à sua frente.) – e, num silêncio de estupor, vê-se o cadáver esburgado. Dir-se-ia que ele e Pedro se contemplam.

(Pedro e Inês contemplam-se fixamente por um instante longo e tenso. Até que, não podendo mais conter-se, se aferram num abraço. A luz da cova torna-se vermelha. Choram, se abraçam e beijam ao som da música. Ele se deita e ela senta sobre ele. Não deixam de chorar nem um instante.)

AMADA AMANTE

(Composição de Erasmo Carlos e Roberto Carlos, 1971, trecho.)

MÚSICA

*Esse amor demais antigo
Amor demais amigo
Que de tanto amor viveu*

*Que manteve acesa a chama
Da verdade de quem ama
Antes e depois do amor*

*E você amada amante
Faz da vida um instante
Ser demais para nós dois*

*Esse amor sem preconceito
Sem saber o que é direito
Faz a suas próprias leis*

*Que flutua no meu leito
Que explode no meu peito
E supera o que já fez*

*Neste mundo desamante
Só você amada amante
Faz o mundo de nós dois*

*Amada amante
Amada amante*

(Aos pouco, da metade para o fim da música, o cadáver de Inês, chorando, vai se retraindo, como se lhe fosse impossível continuar fazendo aquilo. Pedro tenta continuar a abraçá-la, mas inexoravelmente ela vai caindo de lado, até ficar inerte. Pedro chora sobre ela e, conforme a música acaba, começa a perceber onde está e o que está fazendo. Assusta-se de repente com a carne morta, desvencilha-se dela. Ajoelha-se ao lado do cadáver, contempla-o uma vez mais por um instante, levanta-se e sai. A luz sobre a cova aos poucos apaga-se.)

DJ

(Anunciando.) El-Rei Dom Pedro, meu senhor, vos faz saber que sairá esta noite, do Convento de Santa Clara em Coimbra, em direção a Alcobaça, com toda a corte e clerezia, o cortejo de Dona Inês de Castro, Rainha de Portugal, sua mulher. Na casa de Deus será coroada, haverá beija-mão, mas o fato é que Dona Inês é morta.

CENA 3 :: O FRADE E O PRIOR / INÊS É MORTA

(Luz branca fluorescente num espaço ao fundo. Dois coveiros com narizes e bocas cobertos por panos preparam-se para limpar o cadáver de Dona Inês. Jogam-lhe um balde de água e esfregam-no com panos molhados. Manuseiam a carne morta com indiferença e sem grandes cuidados, como nas tarefas cotidianas, virando-a pra lá e pra cá. Terminam, torcem a água dos panos e carregam o cadáver até junto do público, estendendo-o no chão. Um dos coveiros sai, o outro coloca chumaços de algodão nas narinas do cadáver, depois o segue. O cadáver fica ali estirado junto à plateia.)

(Ouve-se o diálogo de duas figuras que vão se aproximando: o Frade Velho e o Prior do Mosteiro de Alcobaça. O Prior, vestindo um hábito branco impecável, vem à frente em passo solene; o Frade, corcunda, vem atrás carregando com dificuldade um enorme fardo.)

FRADE

Continua a cair névoa! E apesar disso há cada vez mais povo... Povo aos montes! Todos aglomerados nas praças, dispostos a acompanhar essa procissão que vai sair daqui de Coimbra até nosso Mosteiro em Alcobaça! São mais de dezesseis léguas de jornada, meu caro Prior, e com noites assim, eu já posso imaginar tudo! Todos exauridos, sem dormir, cheios de lama, as damas todas despenteadas, gritando com os olhos vítreos de terror: "El-Rei é pai! El-Rei é pai!" (Chegam até o cadáver. O Frade deposita seu fardo no chão e continua falando, sem perceber a morta.) El-Rei pode ser o pai do povo, meu caro, mas da nossa Igreja, meu Deus... (Percebe finalmente o cadáver. Aponta-o.)

Um rei que estremunha um povo inteiro para acompanhar um cadáver noite adentro, meu Deus!... O nosso rei perdeu o siso! Cabe a nós, da Igreja, orientar e limitar essas ações!! (Ambos viram o rosto com o mau cheiro do cadáver. O Frade retoma sua ladainha.) Uma alma inocente arrancada de seu descanso eterno, meu Deus, que pecado –

PRIOR

(Com um gesto impaciente.) Basta!!! Deus sabe tudo. (Pausa.) Levantai-a!

(O Frade hesita. O Prior insiste com um gesto. O Frade por fim põe a morta em pé, mas logo a solta com nojo, querendo limpar as mãos. O cadáver vai cair de cara no chão, obrigando o Prior a acudir e segurá-lo com a mão no peito. Sente nojo também e vai trocando de mão, sem saber como fazer. O Frade berra, em desespero.)

FRADE

Isso é sacrilégio! E como quereis que a morta se sustenha? Há já sete anos debaixo da terra, nem conserva os ossos todos! Vede as mãos que teremos de beijar!!

PRIOR

É preciso sustentá-la bem firme!

(Começam a árdua tarefa de preparar o cadáver para o cortejo. Desajeitadamente, vão improvisando jeitos de carregar e ajeitar a morta, sentindo muito nojo, sem querer se sujar etc. As tentativas de carregá-la resultam em posições cômicas, com a cara no sexo do cadáver, sugerindo necrofilia etc.)

PRIOR

Queira Deus que tudo corra bem! Eu já li a carta de El-Rei mais de cem vezes! (O Frade traz um pedestal para colocar Inês.)

PRIOR

Para a direita! Não! Mais para a esquerda! Aaahh, tem alguma coisa saindo de dentro dela!... Vira, vira, isso... Não, menos! (Etc.) Um, dois, três e...

(Conseguem colocar o cadáver de pé sobre o pedestal. Ele vai despencar de novo de frente e o Prior tem que segurá-lo pelos seios. O Frade berra.)

PRIOR

(Ordenando.) A roupa!

FRADE

E é certo que o Bispo da Guarda vai jurar ter casado El-Rei Dom Pedro com Dona Inês?!?

PRIOR

Como já o fez uma vez, bem o sabeis.

(Tira os chumaços de algodão do nariz do cadáver, morrendo de nojo. O Frade traz de dentro do fardo um vestido para colocar na morta.)

FRADE

Eu sei e todos nós sabemos que El-Rei o forçou! Deixai-me- dizer, ao menos a vós: El-Rei Dom Pedro é um carrasco dos corpos e das almas!!

(O Prior solta a morta para pegar o vestido, obrigando o Frade a segurá-la para que não caia.)

PRIOR

Sois injusto, Irmão! Sois mais do que injusto. Só vedes o mal que habita nas almas! Não vedes a grandeza, o timbre da alma. El-Rei é bom rei. Muito bom rei! Apenas não é este o momento de o demonstrar.

(Vão vestindo a morta.)

FRADE

Um bom rei, dizeis?! Um bom rei?! Um rei é um enviado de Deus, mas deve obediência a ele tanto quanto o seu povo, meu caro Prior! A igreja não pode fechar os olhos para essa situação! Pelo amor de Deus, olhai esse estado de coisas! Enxergai!!

(Admirando a morta, enquanto o Frade ainda a segura.)

PRIOR

Perfeita... Perfeita!!

(O Frade quer olhar também e sem querer a solta. Ela vai inexoravelmente cair. Eles erguem os braços, apavorados.)

PRIOR e FRADE

Não!! não!!

(O cadáver, inesperadamente, se apruma. Soam notas de uma música espanhola ao violão e ao trompete. A morta assume uma pose altiva, segurando o vestido. Os dois, respirando aliviados, se persignam e vão agindo com todo o cuidado para não abalar o equilíbrio.)

PRIOR

Os adornos...

(O Frade vai buscá-los. O Prior continua ajeitando o vestido da morta.)

FRADE

Um bom rei, dizeis?! Um rei cristão que enforca bispos e os força por terror a jurar em falso! (Trazendo um enorme chapéu, tipo sombrero.)

PRIOR

Não... isso não...

FRADE

Um rei que se diz justiceiro, mas é só carrasco! Que por vingança quebra friamente o juramento que a seu pai fizera! (Trazendo um chapéu de frutas, tipo Carmem Miranda.)

PRIOR

Não estás em vós irmão, não estás em vós...

FRADE

Um rei que se diz cristão, mas insulta Roma, e mais ainda, o Deus que o julgará, canonizando a amante na nossa igreja!!!

(Traz uma coroa presa a um manto. O Prior a veste na morta. Esfrega as mão e faz caretas de nojo. Entreolham-se, ele e o Frade. Começam aos poucos a brincar com a situação, rompendo os personagens. Brincam de se cumprimentar com as mão sujas do cadáver etc. Apresentam Inês como modelo de beleza.)

FRADE

Linda! Tá ótima! Loira! Rainha! Quase uma Barbie!

PRIOR

Tá gostando, né, Tininha? (Dá um tapa na atriz que faz Inês.) É o papel da vida dela!!

FRADE

É uma miss!

PRIOR

É uma miss!!

FRADE

Ignez! Inês-quecível!

PRIOR

Inês-plicável!

FRADE

Inês, sua loca!

(Começam a mover os braços e mãos dela, como se fosse uma boneca.)

PRIOR

Olha aí! Miss Portugal!!

(Fazem a figura de Inês mandar beijinhos.)

FRADE e PRIOR

Conhecida internacionalmente! Brasil, Macau, Moçambique!! lu-huu!!

(Fazem a voz da 'boneca Inês'.) "Beija minha mão!"

(Colocam as mãos dela sobre o seu sexo e seios. Esfregam as mãos ali.) "Beija minha mão! Beija!!"

(Começam a sacudir e levantar a saia dela.) Ah, deu calor, hein. "Mas que calor, que calor na bacorinha!"

PRIOR

Sete anos enterrada!... Vamos arejar isso daqui!

(Começam a sacudir e levantar a saia dela. Enfiam as cabeças debaixo da saia pra sentir o cheiro.)

PRIOR

Nooossa!... Meu Deus!

(Fazem várias brincadeiras, até sentirem que foi demais. Começam a se recompor.)

FRADE

Para! Chega, viu! Exacerbou os limites... É uma personagem histórica. Existiu! Cuidado...

(Tiram as mãos dela do sexo e dos seios. Soa novamente a música espanhola ao violão e ao trompete. A morta se apruma novamente, mais ativa ainda. Uma luz a pino cai sobre ela. Os outros retomam os personagens.)

FRADE

Queimai incenso em todos os turíbulos!! Pois a podridão desta alma e desta morta há de impregnar as naves e o granito, prostituir o ar e profanar as preces!!

(Saem. Inês fica ali, como uma estátua. A música espanhola continua e emenda em outra música, portuguesa. Entra Martim, o Bobo, andando num cavalinho de pau.)

CENA 4 :: MARTIM E INÊS / APAGA O FOGO MANÉ

SALVE (Composição de Luís Miguel de Oliveira, cantada por João Maria Tudela, 1965, trecho)

MÚSICA

Salve, salve, salve
Salve a Rainha
Salve, salve
Salve a Rainha
Que estais no Céu
Olhai por nós

(Martim, com sua coleção de sapatos, anda com o cavalinho em torno de Inês. Depois entra cuidadosamente no círculo da luz de Inês e deposita no chão o cavalinho.)

MARTIM

Sou triste demais! Nasci para bobo! (A música cessa. Fala para Inês.) Tu és bela demais... (Mostra ao público as mãos cheias de tinta preta.) Dura pouco! (Cobre o rosto com a tinta e canta para a plateia, erguendo os braços.) U-há-há U-há-há U-há-há-u!!

(Canta algumas vezes. O tom inicialmente alegre vai ficando triste e desolado. Ele para de cantar, sobe então no pedestal e testa se Inês está mesmo morta: passa a mão na frente dos seus olhos. Gargalha. Desce do pedestal, encara-a de frente, abre os braços e a chama.) Vem! Vem!! Veeeem!!!

(Um surdo começa a marcar um som de samba. Martim vai até ela e a tira do pedestal, como se fosse uma estátua. Coloca-se com ela em posição de dança. Encaram-se. Ele passa a tinta também no rosto dela. Um violão une-se ao surdo no samba e logo um pandeiro. O Coro canta em off. Martim e Inês dão-se as mãos e começam a dançar, dançam a música toda, separados, juntos etc.)

APAGA O FOGO MANÉ

(Composição de Adoniran Barbosa, 1956.)

CORO

Inês saiu
Dizendo que ia comprar pavio pro lampião
Pode me esperar Mané
Que eu já volto já

*Acendi o fogão
Botei a água pra esquentar
E fui pro portão
Só pra ver Inês chegar*

*Anoiteceu
E ela não voltou
Fui pra rua feito louco
Pra saber o que aconteceu*

*Procurei na Central
Procurei no hospital e no xadrez
Andei a cidade inteira
E não encontrei Inês*

*Voltei pra casa triste demais
O que Inês me fez não se faz
E no chão bem perto do fogão
Encontrei um papel escrito assim
Pode apagar o fogo mané que eu não volto mais
Pode apagar o fogo mané que eu não volto mais*

(O final da dança, Martim e Inês estão girando separados como os dervixes, cada um em um círculo de luz verde.)

*Inês saiu
Dizendo que ia comprar pavio –*

(Martim vai até o círculo de Inês, que continua girando. Pedro chega e entra no círculo e se deita, admira Inês girando, os braços dela passam por sobre eles.)

PEDRO

Eis-te enfim, Martim! O meu bobo mais moço, com olhos de vinte anos, boca e rugas de cem. Que tens feito de dia?

MARTIM

Durmo!

PEDRO

E de noite?

MARTIM

Cavo. Ando a cavar nas tuas terras.

PEDRO

A cavar?

MARTIM

E depois semeio. Para que na primavera haja árvores corcundas como eu.
(Inês finalmente desaba do seu giro, caindo sobre eles.)

PEDRO

Somos doidos varridos, ambos nós. Só que tu tens a mais a corcova.

MARTIM

Como tu. Tu tens a tua dentro. És bobo de alma. A tua corcova chama-se saudade.
Antes a tua corcova. Antes a tua...

(Martim derruba a coroa da cabeça de Pedro com um gesto e sai.)

CENA 5 :: CORTEJO E BEIJA-MÃO / TODO SE ACABA

(Pedro e Inês ficam sozinhos na luz. Um trompete introduz a música de um congo, seguido pela percussão e outros instrumentos. Pedro beija Inês, ambos se erguem, recolhem a coroa um do outro do chão e coroam-se mutuamente. Giram de mãos dadas. O povo, com lamparinas nas mãos como na primeira cena, vem tocando e cantando alto.)

RAINHA O SEU BRINCO CAIU

(Congo tradicional, repertório da Guarda de Congo de Itaúna - MG.)

POVO

Siá Rainha, o seu brinco caiu

Deixe que eu apanho para você

É de ouro, é de prata, é de bronze, siá Rainha

Deixe que eu apanho para você

(O coro do povo convida o público a sair em cortejo rumo à rua. Veem-se várias figuras da história, a Velha, Afonso etc. Chegando, à rua, ou saguão etc. Pedro está sentado com seu acordeom numa espécie de trono, com Martim, o Bobo a seus pés e o cadáver de Inês em seu colo, como se fosse um boneco. Pedro oferece a mão da Rainha para que todos a beijem. Um por um, personagens e espectadores beijam a mão de Inês ao som do congo, que continua sendo entoado. Após um tempo a própria Inês está oferecendo sua mão para ser beijada, em convulsões como uma Pombagira.)

(Por fim a música cessa e ela está falecida e inerte novamente. Pedro encara o povo em silêncio, percebendo que tudo vai terminar. Após um tempo toma seu acordeom, e, já como ator, olha para a atriz que faz Inês, que despertou. O ator começa a tocar e ambos cantam um bolero.)

TODO SE ACABA

)Composição de Don Fabián, 1948, trecho)

ATOR de PEDRO e ATRIZ de INÊS

En la vida todo se acaba

En la vida todo se muere

Y el amor que creímos eterno

Un día se aleja y no vuelve jamás

(O coro, tocando seus instrumentos, se junta ao canto. Reúnem-se todos, cantando, para agradecer ao público.)

* * *



REALIZAÇÃO



Este projeto foi contemplado pela 42ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa